

Resenha

Livro

Assim caminhou a humanidade

Walter Neves, Miguel Junior e Rui Murrieta (orgs)

Ed. Palas Atenas - São Paulo - segunda edição 2018

318 pgs.

[Anuário Lukács 2022]

O início foi Charles Darwin. Alguns até poderiam indicar Lineu. Foi o aquele - e não este --, que ao comparar a forma dos animais não apenas visualizou uma sequência evolutiva como descobriu a seleção natural, o processo pelo qual, ao longo do tempo, as espécies que conseguem se reproduzir mais eficientemente terminam por predominar. Isso era tudo o que se sabia, naquele momento no século XIX em que *A origem das espécies* foi publicado, em que Marx estudava para redigir *O Capital* e em que o capitalismo caminhava para superar seu período concorrencial e adentrar à sua fase imperialista. Karl Marx, Nietzsche, Balzac, Flaubert, Tolstói, Zola, Victor Hugo, no Brasil Machado de Assis; Lenin, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht... Trotsky e Lukács (estes, na juventude) - eles todos e muitos mais pensavam que o universo era apenas e tão somente a Via Láctea e que, de fato, os seres humanos teriam vindo dos macacos. Por toda esta época, o texto de Engels, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* era entendido pelo que de fato seu autor pretendia: os seres humanos teriam vindo do macaco. Gibão, chimpanzé, gorila, um “elo perdido”, ainda a ser encontrado e o *Homo sapiens* era a sequência mais aceita.

O Homem de Piltdown fazia, então, furor. Era o candidato mais forte a ocupar o lugar do elo perdido entre os macacos e os humanos. Que não passava de uma fraude foi estabelecido apenas em 1953: alguém, provavelmente Charles Dawson (seu “descobridor”), misturara uma mandíbula de um símio, com dentes limados para parecerem velhos, com um crânio de um *Homo Sapiens*. Estes foram os primeiros passos.

O segundo passo gigantesco foi dado por uma jovem, sem formação científica, que se dispôs a investigar chimpanzés em um parque tão isolado na Tanzânia que

ninguém mais se apresentou para a tarefa. Foi ela, Jane Godall que relatou que os chimpanzés faziam ferramentas e sua descrição, recebida com incredulidade pela comunidade científica, derrubou a definição de humano que predominava desde o século XVIII, quando Benjamin Franklin nos definiu como o “animal que faz ferramentas”. É famoso o telegrama que lhe enviou Louis Leakey, seu “orientador”: “Teremos agora de redefinir o ser humano, ou redefinir ferramenta, ou aceitar os chimpanzés como seres humanos!” Isso já no início dos anos de 1960! Lukács estava iniciando a redação do que viria a ser sua *Ontologia* e Gordon Childe já falecera poucos anos antes de uma queda, provavelmente um suicídio, nas Montanhas Blackheath, Austrália!

O terceiro passo gigantesco foi dado há poucas décadas, em 2003. A descoberta de fósseis de *Homo erectus* associados indiscutivelmente com uma vida social, humana: pinturas rupestres, enterro dos mortos, fogueiras etc. Pela primeira vez comprovou-se haver seres humanos com uma base biológica que não a de um *Homo sapiens*. Foram denominados *Homo floresiensis*, pois descobertos na Ilha das Flores, na Indonésia.

Hoje, sabemos que os seres humanos não vieram dos macacos. A linha evolutiva até nós se separou da dos macacos (chimpanzés, gibão, gorilas etc.) há cerca de sete milhões de anos atrás. Temos uma ideia bastante precisa, ainda que haja muito a se descobrir e conhecer, de como evoluímos desse ancestral comum com os macacos até nossos dias. Novos fósseis, datações mais precisas etc. possibilitam uma teoria cada vez mais próxima do que ocorreu na história. A discussão parece se centrar, agora, ao redor da definição predominante entre os antropólogos: o ser humano é aquele que produz “cultura”. Este é um termo impossível de ser precisamente conceituado: ele vale para praticamente tudo! O que traz problemas insolúveis para a ciência. Além disso, definir o ser humano pela “cultura” levanta a questão da gênese da mesma: de onde teria vindo a “cultura”? Que a cultura, qualquer que seja o modo como se a defina, apenas pode existir em uma socialidade capaz de trabalho, portanto capaz de, ao transformar a natureza, transformar os próprios humanos, é uma descoberta que ainda não teve nenhum impacto entre os cientistas, tanto quanto eu saiba ao menos.

Este debate vem sendo enriquecido por descobertas que reenviam a origem da cultura a épocas cada vez mais remotas: há a possibilidade de os primeiros sinais de uma “cultura” tenham já existido entre os *Australopithecus bosei* (seu fóssil mais famoso é Lucy). É praticamente certo que ao menos entre alguns *Homo habilis* também já se encontrava “cultura” e que ao menos alguns *neanderthalis* também eram humanos. Há certeza, inclusive, de que houve relações sexuais entre *sapiens* e *neanderthalis*, provavelmente desenvolveram relações sociais entre si.

O ser humano tem existido na Terra por mais tempo do que um Marx ou Lukács jamais sonharam e - hipótese que seria uma aberração para Darwin e Engels - com várias bases biológicas distintas do *Homo sapiens*.

O livro *Assim caminhou a humanidade* é uma coletânea de sete textos que cobrem nossa evolução desde os primatas mais primitivos, a separação da evolução que daria origem aos humanos da linha evolutiva que conduziria aos macacos da Europa e da África, até a Revolução Neolítica, em que surge o que eles denominam por “complexidade social” e que, sabemos, é de fato uma sociedade com grau muito mais elevado de complexidade porque marca a passagem das sociedades primitivas às primeiras sociedades de classe. “Provavelmente o relato mais completo em língua portuguesa sobre tudo o que sabemos a respeito de nossas origens”, afirma com precisão Romão Trigo de Aguiar na apresentação da contracapa. Não sou um especialista na área, mas desconheço qualquer outra obra com esta amplitude e profundidade.

Os textos são maravilhosamente bem escritos. O leitor segue suas linhas como se fossem (em parte não deixam de ser) a narrativa de uma enorme aventura. Ao final de cada capítulo, indicações bibliográficas e uma exposição do que se investiga no presente naquela área específica do conhecimento indicam inequivocamente que há ainda muito a ser descoberto. A descrição e discussão da evolução da capacidade humana em produzir ferramentas, em desenvolver sua relação produtiva com a natureza e as relações entre os humanos é muito interessante. A exposição da evolução biológica não é menos fascinante.

Além de seu significado como excelente divulgação científica, a coletânea

cumprir, a meu ver, uma segunda função social: com a crise em que vivemos e com o avanço da ignorância e do irracionalismo, se converte em uma ainda maior responsabilidade dos cientistas (e filósofos, ainda que aqui se trata de um texto científico) levar o conhecimento adquirido para camadas cada vez mais amplas da população. Sabemos que a luta entre o irracionalismo e o racionalismo, em nossos dias, não será decidida pela educação. Contudo, quem pode duvidar que a ignorância apenas favorece o irracionalismo e as alienações a ele associadas? Esparrar o conhecimento científico se tornou, também por isso, ainda mais importante.

*Assim caminhou a humanidade* é um livro que veio para ficar. Como seria bom se os físicos e cosmólogos realizassem algo similar acerca do desenvolvimento do universo, os biólogos acerca do metabolismo humano, os historiadores acerca da evolução das sociedades e assim por diante!

Período histórico fascinante o que vivemos: há uma infinidade de tarefas importantes a ser realizadas e a conferir sentido a nossas vidas! Não nos faltam